

## Capítulo 2

# Idealização: o caminho mais curto para a decepção

Juliana Falcão

“Nas minas de sal de Salzburgo, jogase nas profundezas abandonadas da mina um ramo de árvore desfolhado pelo inverno; dois ou três meses depois, ele é retirado coberto de cristalizações brilhantes: os menores raminhos, aqueles que não são maiores do que a pata de um chapim, são guarnecidos de uma infinidade de diamantes móveis e cintilantes; já não podemos reconhecer o ramo primitivo. Chamo de cristalização a operação do espírito que extrai de tudo o que se apresenta a descoberta de que o objeto amado tem novas perfeições. (STENDHAL, 1993, p. 6).

Por mais que as pessoas digam que não se importam, no fundo todo mundo quer sentir na pele o que é e como é viver um relacionamento sólido e tranquilo. Quer se sentir vitorioso por ter passado incólume pelas agruras da paixão – medo excessivo de perder o outro, ansiedade que tira o sono, pés fora do chão e emoção à flor da pele.



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Mas já aviso: como disse o ilustre cantor e compositor Cazuzza, quem sonha em ter “a sorte de um amor tranquilo” precisa enfrentar com maestria não somente esses momentos, mas também um em especial, que pode comprometer qualquer tipo de relação: a idealização.

Idealizar é projetar em alguém as qualidades que você tanto procura na sua cara-metade ideal, deixando de enxergar quem a pessoa realmente é, com suas qualidades e defeitos. O idealizador espera – e exige – que o outro atenda a todas as suas expectativas.

Esse comportamento começa na infância. A mulher já ganha os dentes brincando de casinha e idealizando o marido que foi trabalhar e que logo vai chegar para cuidar da casa. Diferente dos meninos que, geralmente, quando crianças, se preocupam apenas em gastar energia jogando bola, brincando de carrinho e soltando pipa, sem passar o dia incutindo em suas atividades inocentes o perfil de uma parceira para a vida toda.

E esse estereótipo de casal (mulher submissa e homem ativo) não teve início nos tempos atuais. Se voltarmos no tempo, vamos lembrar que na Idade Média, com o uso do cinto de castidade, a mulher já era vista como um ser menor, feito apenas para servir. O prazer feminino não existia. O sexo servia apenas para satisfazer o homem e para procriação.

Em alguns locais, mais precisamente no continente africano, a necessidade de tornar a mulher uma pessoa servil era tanta que existia a retirada do clitóris, a chamada clitoridectomia. Sem essa glândula, a mulher deixaria de sentir prazer, tornando-se cada vez mais submissa, sem voz e sem vez.

Essas referências ainda rondam o universo feminino. As mulheres batem no peito que alcançaram sua liberdade, mas ainda carregam lá no fundo um pouco dessa submissão. Para algumas delas, o homem ideal é que garante o sustento da casa, que cuida dela. E para alguns representantes do universo masculino, ainda dominados pelo machismo, a mulher ideal é a que fica em casa, administrando o lar. Afinal de



## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

contas, uma mulher independente compete com seu companheiro, deixa de ser submissa. Às vezes assusta e foge do estereótipo que teimamos em carregar através da história.

Neste texto nós focamos a mulher que idealiza o ser amado, mas não podemos nos esquecer de que elas projetam também são estereotipadas pelos meios de comunicação, principalmente os focados em comportamento feminino, também contribuem para uma estereotipização da mulher. Essa constatação se deu por meio de uma pesquisa de duas estudantes de pós-graduação da PUC-RS. Em “Garotas da Capa: Revistas Femininas e a Idealização de Padrões Estéticos foram analisadas quatro capas de revistas de moda femininas, duas da Capricho e duas da Vogue Brasil, com uma diferença de 10 anos.

O interessante é que as modelos que ilustraram as capas das duas revistas 10 anos antes também as ilustraram 10 anos depois. Em ambas, a moça estava com o corpo enxuto e muito bonita, o que deu a entender que a mulher idealizada pelo universo masculino e bem vista pela sociedade anda na moda e não tem nenhuma gordurinha fora do lugar. Quem não se encaixa nesse padrão, nem financeiro para andar na moda, nem físico, para atrair o olhar do sexo oposto, está à margem. A pesquisa não abordou o universo feminino, mas podemos ver pelas capas de revista que o homem ou deve se vestir de maneira impecável e na moda ou, se resolver sair sem camisa, que esteja bem malhado e com abdômen de tanquinho.

A imagem desse tal príncipe encantado é ratificada também por meio dos contos de fadas e dos desenhos animados. Neles, a mulher frágil e sofredora ganha força e beleza somente depois que encontra o homem bonito e corajoso que exterminou todo o mal da terra e a tornou feliz para todo o sempre. E essa visão aliena a mulher, que acha que só consegue ser plenamente feliz e poderosa se tiver do lado um homem visivelmente forte e com espírito protetor.

Esse homem que povoa a mente das meninhas ingênuas até existiu (acredite), mas era num tempo em que o mundo, digamos, não



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

girava tão rápido, sabe? Não acompanhava a velocidade da luz. Calma, os homens não eram feitos em formas, mas o modo de viver da sociedade era mais homogêneo, fazendo com que as diferenças entre eles não fossem tão díspares.

Tente se lembrar do tempo da sua avó. As mulheres tinham que ser prendadas (se não eram mal faladas) e entravam na adolescência tendo como hobby a preparação do enxoval. Com perfil de mulheres do lar, se casavam muito, muito cedo com um cara trabalhador que se comprometia a não deixar faltar comida na mesa. Só que hoje, como você mesma deve saber, não dá mais para se prender a esse estereótipo de vida.

Esse comportamento se intensificou ainda mais depois da liberdade feminina, movimento no qual as mulheres modernas mudaram o perfil de homem perfeito. Elas disseram adeus ao papel da esposa pudica que vivia dos afazeres de casa e que era totalmente submissa. A cada conquista a mente feminina se expande e seu senso crítico fica mais aguçado.

Elas agora trabalham tanto quanto os homens, casam-se cada vez mais tarde. Se não se sentem felizes ao lado do cara que inicialmente parecia ser o cara ideal simplesmente se separam viram mães solteiras, se for necessário. Apesar da cobrança que a sociedade faz para que se casem, preferem chegar aos 40 solteironas e cuidando de sobrinhos a se sentirem infelizes ao lado de alguém que não as completam como tanto desejam e precisam.

E isso tem mexido demais com a cabeça dos homens, que ainda não sabem como lidar com esse novo universo. O pretendente que antes tinha que garantir o sustento da casa toda e se mostrar um líder dentro de casa precisa agora saber dividir as contas, firmar uma parceria com a mulher dentro de casa, ouvir os anseios da mulher e satisfazer os desejos dela mulher na cama.

O grito de liberdade da mulher tirou o homem da zona de conforto e do papel de dominador e conquistador. Agora ele se depara com uma



## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

potencial parceira que não se contenta com pouco, que idealiza um homem com muito mais talentos, tantos que fica cada vez mais difícil, quase impossível, encontrar todos em uma só pessoa.

E quem ainda não entendeu isso vai passar muito tempo se frustrando e achando que o mundo é uma porcaria, que torce contra. Hoje, minha querida, só consegue construir um relacionamento feliz quem enxerga o outro sem esse estereótipo, sem amarras, sem se prender ao príncipe que povoou os mais profundos sonhos femininos na infância e nos filmes românticos.

Quando idealizamos demais quem está à nossa frente não enxergamos sua verdadeira personalidade, não permitidos que ela se desnude para nós. Se o pretendente mostra alguma qualidade que não estava no nosso script, ótimo, é uma surpresa muito boa. Mas se ele sai da linha que traçamos, pronto: deixa de ser a pessoa dita na nossa cabeça como apta a nos fazer felizes.

O ser humano, de uma forma geral, não está preparado para se decepcionar. E para evitar esse tipo de sentimento prefere projetar determinadas características no seu ser amado a correr o risco de conhecendo-o de verdade e percebendo que ele não é quem tanto se espera. Esse é um caminho curto para a decepção.

Na busca por uma cara-metade podemos desenvolver a tristeza de acharmos que o outro chega pronto e acabado, com o objetivo de fazer exatamente tudo o que queremos, de resolver todos os nossos problemas e trazer consigo a fórmula do amor, da felicidade. Quando, na verdade, os relacionamentos nascem da troca cotidiana de vivências. À medida que as pessoas vão se conhecendo vão também se lapidando, se preparando para deixar o outro mais “adequado” para um relacionamento duradouro.

Mas, amiga, ninguém é responsável pela felicidade do outro. Esse sentimento buscado com tanto afincamento por todo ser humano já está dentro dele, basta procurar, fazê-lo aflorar. A cara-metade, a alma gêmea ou como você quiser chamar, vai se encarregar de trazer apenas um temperinho para deixar a sua vida ainda mais bacana.



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Quando estamos em busca de um “parceiro para toda a vida”, achamos que o outro não pode ter defeitos, não pode nos causar um pingo de aborrecimento. Só que nesse ponto somos egoístas, pois nós também temos defeitos e, ingenuamente, achamos que o tal príncipe precisa simplesmente engoli-los, aprender a conviver com eles.

E esse comportamento é mais ou menos evidente dependendo do nosso grau de carência. Quando estamos nos sentindo muito sozinhas, ficamos menos seletivas e nos entregamos ao primeiro homem que nos diz “palavras de conforto”. Aceitamos todos os defeitos dele e nos deixamos apaixonar, mesmo que esse rapaz não tenha nada a ver com a mulher, tenha defeitos que ela abomina.

Já as mulheres que sabem lidar bem com a carência e com a ansiedade, são mais seletivas e preferem esperar alguém que se pareça mais com elas ou que tenham defeitos que elas estão dispostas a aturar, a ter que se entregar para o primeiro que se apresentar e se sentir infeliz depois que a paixão inicial for embora.

Esse comportamento é típico de uma pessoa também carente, daquelas que acha que só tem que receber carinho, em vez de olhar para dentro de si e tentar ser melhor para si mesma e, conseqüentemente, para o outro. Ninguém aguenta só dar ou só receber. Relacionamento nasce de uma troca consciente e madura. É uma via de mão dupla. Não dá para ser feliz ao lado de alguém que não retribui o amor que recebe. Chega uma hora em que a pessoa que dá além do que consegue para tentar “suprir” a demanda do outro começa a cobrar um mínimo de receptividade. E essa cobrança vem carregada de frustração. Sempre.

Achar que o outro tem um “formato” de corpo e personalidade é fechar os olhos para o mundo real, para as pessoas reais. É não entender que todo ser humano evolui – como profissional, como indivíduo – para acompanhar o mundo moderno e encontrar meios de trilhar seus próprios caminhos.

Cada um teve sua criação, seus amigos, sua formação de caráter. Foi moldado de acordo com o que viveu. Ninguém vai cair no nosso



## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

colo pronto e acabado, do jeitinho que sempre sonhamos. Não se iluda! O seu príncipe vai chegar como uma pedra bruta e, aos poucos, vai se deixar conhecer e lapidar para construir uma história com você. E você, em busca de uma vida mais feliz, vai se deixar moldar também...

### *Mudando o modo de pensar*

Um escritor francês chamado Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal, defendia que uma paixão não nascia sem uma idealização. Ele falou bastante sobre o assunto no livro “Do Amor”, de 1822. Nele consta a teoria da cristalização, na qual a pessoa cobre de desejos o ser amado para que ele se torne perfeito aos olhos.

Stendhal comenta a história do diamante de sal, que se passou na Áustria, por volta de 1800. Ao visitar as minas de sal, o escritor se deparou com uma técnica criada pelos mineiros, que consistia em guardar galhos sem folhas e bem secos em locais de trabalho abandonados. Depois de um longo período esses galhinhos eram cobertos de cristais, em decorrência do contato deles com as águas salgadas, e ficavam parecidos com diamantes.

Com base nessa história, Stendhal fala que agimos da mesma forma quando o assunto é amor. Isso porque a paixão não nos permite, em um primeiro momento, enxergar o outro como ele realmente é, porque ele ainda é fruto de uma idealização. Mas com o tempo, o fogo da paixão se acaba (o diamante se dilui) e o que fica é o galho seco. Nessa hora, o ser amado perfeito mostra sua verdadeira face e nos causa decepção.

E é nessa fase que o amor profundo, que o relacionamento verdadeiro começa. Quando, mesmo sem a “máscara” da idealização – ou da água salinizada que transformou o galho em um ‘diamante’ – continuamos admirando aquela pessoa que está ao nosso lado, o sonho perfeito se desfaz e o amor se solidifica. Aí sim, as duas pessoas, agora com os pés no chão, pode construir uma relação sólida.

Assim, segundo Stendhal, uma pessoa apaixonada identificava todas as perfeições naquilo que ama; no entanto, a atenção desta, ainda



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

pode ser distraída, pois a alma se sacia de tudo o que é uniforme, até mesmo da felicidade perfeita. Neste trecho o autor nos mostra como, em Salzburgo, na Áustria, quando alguém lançava na mina de sal abandonada pelo inverno um pequeno galho seco, ao passar de algum tempo, poderia vir buscar um lindo ‘brilhante’ no lugar daquele dado o efeito do contínuo depósito dos cristais de cloreto de sódio sobre aquela pequenina madeira sem vida. Segundo ele essa é a primeira cristalização que ocorre nos relacionamentos amorosos que se dá por ocasião de quando conhecemos as pessoas e de nos apaixonarmos por essas. Nossa imaginação que produz “cristais” lindos. Quando uma relação se inicia, toda a energia despertada por ela, inevitavelmente, leva os parceiros às alturas. Por isso, é um grande elogio às duas pessoas envolvidas, que se tornam mais belas e atraentes quando estão apaixonadas. Assim, a tendência do apaixonado de idealizar o ser amado, imaginando-o mais belo e nobre do que qualquer outro ser humano que é a base do processo stendheliano da cristalização. Assim, podemos estar apaixonados de uma pessoa que não existe realmente, a não ser em nossa cabeça. Quando a relação acaba, quebram-se os cristais e começamos a nos deparar com aquela rama seca que na verdade sempre existiu. Somos seduzidos por nós mesmos quando fazemos nossas fantasias. Principalmente em casos de relacionamentos, quando nos idealizamos nas pessoas, iludindo-nos. Nossas expectativas acerca do comportamento alheio e da natureza da outra pessoa distorcem a realidade de tal forma que assim passamos a enxergar a pessoa bem melhor do que ela realmente é. Bom, se normalmente as pessoas, sobretudo, nos primeiros encontros enfatizam suas qualidades e escondem suas falhas, com a combinação do fator distorção pró-pessoa na qual diretamente contribuimos temos aqui a fórmula do príncipe encantado ou da princesa encantada. Afinal, com uma infalível combinação desses dois elementos quem resistiria ao seu arrebatante produto? Quem quer seduzir vai mostrar o que existe de “bom” naquilo proposto que acompanhado de “omissão” dos elementos negativos que podem inclusive negar o que se fala/apresenta, faz com que o seduzido torne-se presa de um sentimento manipulado. E é exatamente isso que acontece com a pessoa pela qual nos apaixonamos no interior de nossas mentes. Depois de descoberto, pode ser tarde.





## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

Contudo, devemos nos lembrar que no fundo quem são essas pessoas as quais depositamos nossas melhores expectativas? São meramente galhos secos com muito pouca diferença umas das outras (em outras palavras, só mudam de endereço e o mal que nos causam) a exemplo dos galhos que Stendhal passou muito tempo observando.

O segundo e mais importante modelo de cristalização proposto pelo romancista é mais traiçoeira e ocorre bem mais posteriormente. Instala-se naquele momento quando uma ligeira dúvida vai se infiltrando (falaremos mais sobre isso no capítulo intitulado: ‘A política do pão e circo e os relacionamentos amorosos’ e mais especificamente, quando for abordada a questão das triangulações) e produz um desassossego cada vez mais forte na pessoa. Após a primeira cristalização, a dúvida e a apreensão insinuam-se cumulativamente, levando-se em consideração que o homem não tem certeza se é capaz de atrair a mulher e fazê-la amá-lo de verdade, ao passo que a mulher duvida da sinceridade, se é digno de sua confiança, talvez interessado apenas em sexo e que irá deixá-la rapidamente. Encontros e desencontro. Passa-se então para a próxima etapa: exigem-se provas renovadas do amor.

Em suma, para Stendhal, a fantasia e a admiração são a essência do amor. Apaixonamos por deuses e deuses de nossa criação aos quais admirados, nunca vistos com clareza. Sequer conhecemos as forças que nos impelem para eles, mas sempre estamos predispostos a amá-los.

### *A caminho da desidealização amorosa*

Tomando como base a história do escritor francês, podemos dizer que o primeiro passo para quem quer viver além de paixão e fazer o amor nascer e durar é tirar a venda dos olhos e deixar o outro mostrar sua personalidade como ela é e não como queremos que ela seja. A gente tem mania de fazer uma listinha, decorá-la e depois sair por aí tentando encaixá-las nos homens que encontramos pelo caminho da vida.



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Sinto lhe dizer, mas essa lista dificilmente vai cair como uma luva em alguém. Isso porque você vai se prender tanto a estas qualidades que estabeleceu na sua cabeça que não dará oportunidade de qualquer pessoa se aproximar e pelo menos tentar lhe fazer feliz como você tanto quer.

E creia: ninguém gosta de viver moldado o tempo todo, sem espontaneidade, sem o direito de ir e vir. Não há relação que perdure diante de tanta expectativa e regras. Já parou para pensar nisso? Às vezes a mulher sufoca tanto o homem que quer ficar ao seu lado dela que contribui para que ele se afaste dela, negando o carinho que ela precisa, mas não faz por merecer.

E sabe por que ela não merece? Porque não permite que o homem lhe dê carinho à sua maneira, que use os artifícios que conheceu ao longo da vida e que julga serem prudentes para satisfazê-la. Não se deixa ser surpreendida. Só que é justamente nas surpresas que o amor acontece.

Em certos casos a mulher não deixa o homem ser como é por medo de se decepcionar, de ver seu castelinho encantado ruir ao descobrir que ele não está nos moldes que ela criou (voltamos à questão da infância, da idealização, da listinha). Assim, para evitar “sustos” ela toma a frente de tudo. Só ela liga, só ela toma as iniciativas pela a relação, só ela vigia, só ela luta, não dando espaço para o outro construir seus próprios caminhos para chegar até esta mulher. Sem autonomia para trabalhar, qualquer pretendente desiste e foge.

Quem quer se relacionar não pode ter medo de perder. Aquela ideia de que é necessário deixar livre aquele que se deseja para que ele possa ter o direito de escolher se quer vir até você ou não é a mais certa e a mais difícil de colocar em prática. E eu vou lhe dizer: eu, em um momento de raiva, resolvi fazer isso e o resultado foi o que eu menos esperava.

Eu sufocava um cara que eu estava interessada. Eu sempre tomava a iniciativa de ligar, ligava duas, três vezes por semana. Contava



## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

um monte de histórias e ele se mantinha monossilábico. Um dia ele me disse coisas que me entristeceram, pois eu imaginava que estava dando o meu melhor. Disse que eu o sufocava, havia entrado na vida dele sem perguntar nada. Aí eu resolvi que não ia ligar mais. Depois de algumas horas pensando no que havia ouvido, eu me dei conta que aquelas palavras me fizeram crescer, mas como não era o que queria ouvir, fiquei chateada. E tomei a decisão de não ligar para ele por algum tempo.

Passaram-se dois dias e o meu telefone não tocou. Jurei para mim mesma que se ele não ligasse no terceiro dia eu ia ligar e dizer tudo o que estava entalado na minha garganta, toda a mágoa que ele me fez sentir num primeiro momento. Para minha surpresa, no terceiro dia ele me ligou como se nada tivesse acontecido. Resolvi não cobrá-lo, para ver até onde as coisas iam, e tivemos um papo super produtivo, daqueles que a gente nunca tinha emplacado antes. Foi aí que entendi o quanto a liberdade do outro é preciosa e benéfica, o quanto esse gesto imprescindível é necessário para o outro se sentir à vontade.

Confesso que tive medo de que ele não ligasse mais, mas estava tão chateada que foi a raiva que impulsionou a não manter aquela postura de mulher carente e possessiva, que mendigava a atenção dele. Mas o resultado foi tão positivo que valeu a pena o esforço, valeu controlar a ansiedade que me fazia tão mal...

Então, leitora, tente fazer isso também. Dê liberdade para o outro viver, tomar a decisão de querer ou não te ligar, de querer ou não saber como foi o seu dia. A mulher tenta driblar a insegurança tomando as rédeas da situação, controlando os sentimentos e passos do outro para evitar qualquer tipo de sofrimento.

É por meio dessas atitudes que a gente vence o desejo de moldar o outro no estereótipo que criamos. E nessa fase em que as pessoas estão se conhecendo é preciso caminhar com cautela, sem muitas expectativas. Se ele não ligar, vai doer, com certeza, mas é melhor doer agora do que depois que a paixão já tomou conta de você. Aí a dor é intensa. E você não vai poder culpar ninguém, pois foi você que



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

não teve autocuidado lá no começo e deixou que as coisas chegassem a esse ponto.

É isso mesmo. No começo de um relacionamento as pessoas precisam se preservar para não sofrer à toa, não tirar os pés do chão, achando que está vivendo um conto de fadas. Príncipes como os dos filmes e dos livros não existem. Podem ser parecidos, ter uma ou outra qualidade, mas igualzinho, não. A palavra de ordem é calma, calma regada a muito amor próprio e zelo.

Querer que um relacionamento dê certo é o sonho de qualquer pessoa, mas a pressa não vai ajudar a resolver este problema. Ela é sinônimo de ansiedade excessiva e, traz como consequência, relações efêmeras e movidas pela paixão.

Desprenda-se de todos os seus estereótipos e comece a ouvir mais o outro, a observar. E não vá achando que só ele tem defeitos. E muito menos que ele é um poço de virtudes. Você também tem os seus e certamente muitos deles não vão agradar o seu pretendente.

Também não evite pequenas discussões. Elas certamente ajudarão a moldar a relação que está nascendo. Lapidação dói. Muito. Mas sem ela não existiriam pessoas melhores, nem para elas mesmas e nem para seus companheiros. Lembra-se dos diamantes de sal, citados anteriormente? Esses pequenos ajustes vindos em formas de longas conversas e discussões ajudam a arrancar aquelas pedrinhas brilhantes que escondem o verdadeiro ser amado. Aquelas pedrinhas que são alimentadas pela paixão vão caindo, nos deixando enxergar a verdadeira beleza dos galhos secos.

#### *Diálogo: mais uma arma contra a idealização*

Quando falamos em idealização, não podemos nos limitar apenas à lista de qualidades que uma pessoa precisa ter para que nos apaixonemos por ela. Precisamos ter a consciência de que, em muitos casos, o idealizador monta em sua cabeça a estrutura completa de um relacionamento feliz. Há quem já tenha esquematizado como serão os



## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

filhos, detalhes do dia a dia da família que deseja criar e a forma como vai superar determinados desafios.

Planejar é, sim, necessário e faz parte da vida de qualquer ser humano. Sem essa etapa muitos dos nossos sonhos não saem do papel. No amor também é assim, mas com uma diferença: temos apenas uma ideia do que queremos. Quantos filhos pretendemos criar, o que esperamos da pessoa que estará ao nosso lado e de que forma vamos sustentar essa família. Como disse, é apenas uma ideia, não uma regra que deve ser seguida custe o que custar.

E essa visão limitada de amor passa a perder força à medida que os sintomas da paixão também perdem força, nos permitindo colocar os pés no chão, tirar a venda dos olhos e perceber que o outro não é a cara do Brad Pitt e que não é perfeito como nos desenhos da Disney. E quando isso acontece, é hora de incluir no dia a dia atitudes mais racionais, como um bom diálogo, por exemplo.

Isso porque uma vida a dois não se sustenta apenas com beijos, abraços, tesão e sexo. Com o tempo, os traços físicos que inicialmente nos chamaram atenção naquela pessoa sofrerão com a força do tempo e apenas sobreviverão de maneira mais intensa o companheirismo e a amizade que se fortalece por meio de palavras e gestos. Se você não está pronta para conversar racionalmente com seu parceiro, com o intuito de conhecê-lo, sinto lhe informar que você não está pronta para viver um relacionamento.

É fato: no começo de uma vida a dois o que menos existe é a conversa bem conduzida. A paixão é tão avassaladora, nos dá asas tão grandes, que nem sempre temos disposição para dar menos atenção aos suspiros e colocar o pé no chão para conhecer/investigar a pessoa que nos causa tanto frisson. O que importa é sentir o calor do corpo dele ser amado, ouvir o ruído do sorriso dele, a maciez do cabelo, ficar horas contemplando cada partezinha do corpo dessa “alma gêmea”.

Só que a paixão se esvai em meses, anos talvez. E a pessoa à nossa frente passa a não ser tão perfeita quanto antes e os defeitos



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

chegam até mesmo a causar certo desânimo. E nessa hora é preciso aprender a falar. Sem a nuvem da paixão pairando na nossa cabeça fica mais fácil superar a imagem que projetamos nessa pessoa, que parecia um príncipe saído dos contos de fadas, mas que agora mostrou que arrota na mesa, fala alto e tem chulé.

Por meio das boas conversas descontraídas e muita observação nós conhecemos melhor o outro, sua história e seus anseios. Começamos a desmitificar a imagem que inicialmente nos fez desejar aquela pessoa, percebemos onde realmente estamos pisando e se queremos continuar seguindo esse caminho. É hora de usarmos de cautela (olha ela aí de novo!) e maturidade para entender melhor os defeitos do parceiro e até que ponto eles são fáceis de aturar e administrar.

Este momento também é importante para você se deixar ser avaliada, ser elogiada e criticada pelo parceiro, ver até que ponto o outro também a idealizou. Ele tem o mesmo direito de lhe interrogar para conhecer melhor os seus defeitos e saber se ele também está disposto a aceitá-los e administrá-los neste novo passo que a relação que está se solidificando. É uma troca que, quando saudável, amadurece a relação.

Por meio de um bom diálogo usamos o outro para olharmos para nós mesmos. Ou seja, damos a liberdade para o outro apontar os defeitos que nem sempre enxergamos – ou nem sabíamos que existiam – e fazer de nós pessoas e amantes melhores.

Quando abrimos nosso coração e falamos da nossa vida para alguém sem rodeios, principalmente se gostamos dessa pessoa e a queremos ao nosso lado, deixamos que ela “percorra” nossa história em busca de pontos bons e ruins que possam tornar o relacionamento que está sendo construído mais sólido. A partir do momento em que o outro aponta os pontos bons de nossa personalidade, passamos a nos policiar para torná-los cada vez mais constantes. E se são ruins conversamos com o nosso parceiro, na esperança de entendê-los e amenizá-los para tornar a vida do outro mais branda e feliz ao nosso lado.



## *Capítulo 2 - Idealização: o caminho mais curto para a decepção*

Parece simples, né? Mas não é. Essa etapa muitas vezes é árdua para pessoas que não estão acostumadas a falar delas mesmas, a jogar no lixo a idealização que torna as relações e as pessoas tão irrealis. Acredite que o diálogo e a liberdade concedida ao outro são bons caminhos para evitar que aquela imagem projetada do outro atrapalhe a construção de uma vida dois que pode dar certo.

*Felicidade: um quebra-cabeça cheio de ilusões e desilusões*

As voltas que o mundo deu e ainda dá serviram para que homens e mulheres parassem e repensassem sobre suas próprias vidas e sobre o perfil que a alma gêmea deve ter. O nível de exigência está cada vez maior e o grau de descontentamento também. E a cada desilusão é preciso parar e pensar se o interesse pelo outro foi fruto de uma iniciativa racional ou de uma idealização.

Será que o nosso nível de exigência não está passando dos limites? As decepções que rondam alguns dos nossos relacionamentos precisam nos fazer crescer e nos tornar pessoas mais seletivas, mais autovalorizadas. A cada tombo ficamos mais calejadas e mais receosas de perder tempo com quem não quer perder tempo com a gente. E, se mesmo assim, nos decepcionarmos, teremos mais facilidade para superar a dor.

Contra a idealização que nos leva à frustração, os possíveis remédios são leveza e pé no chão. Ou seja, comece a enxergar a vida a dois com mais simplicidade e de maneira racional. Só descobre o que é esse tal de relacionamento sólido e verdadeiro quem se permite vivê-lo com todas as dores e delícias quem vem com ele e antes dele. Quem está disposto a cair, se machucar e chorar, mas sem perder a esperança de que a felicidade sorri para todo mundo.

Ao contrário da vida real, a idealização não traz dor e tem soluções rápidas para qualquer tipo de problema que, possivelmente, já faz parte da história que criamos em nossa cabeça. E tem muita gente que, após sofrer uma desilusão, se deu a chance de enxergar o outro como ele realmente era – e não como queria que fosse – e agradeceu a Deus por aquele relacionamento não ter durado. Isso é muito comum.



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Então feche o livro de contos de fadas e inicie um processo de autoconhecimento. Procure saber o que você realmente quer e o que não quer, estabeleça quais tipos de defeitos está disposta a aturar e quais situações vai se permitir passar. Esse filtro, bem diferente de uma idealização, funciona como uma proteção, uma forma de você não perder tempo com pessoas e situações que não ajudar você a alcançar o objetivo de viver um relacionamento firme.

A mulher hoje tem um arsenal para buscar o temperinho que vai tornar sua felicidade mais ampla. Só precisa saber usar, de forma que não magoe a si mesma e nem quem quer se aproximar. Se quiser mesmo construir uma história de amor legal, deve parar de achar que já conhece o outro e passar a se conhecer e saber o que quer e como quer. Só depois se mostre disponível para viver uma vida a dois. Quem cuida da autoestima e conhece os próprios limites cai com menos facilidade em armadilhas e trilha com mais sucesso os caminhos para encontrar um grande amor.

#### *Referência*

STENDHAL. **Do amor**. 2.ed. Tradução de R. L. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

